

CATEGORIA: *Prosa*

1ª menção honrosa

TESTEMUNHOS DE UM ENFORCADO

João Manuel Oliveira Reis

A minha morte foi injusta. Não porque merecesse mais viver do que outros, mas porque os eventos que me levaram à morte estavam errados. Sim, era inocente. Não um ser puro, livre de maldade, mas mesmo assim inocente naquele caso. Chorei por clemência, gritei a minha inocência, mas de nada valeu. Alguém tinha de pagar pelo crime, e esse alguém fui eu. Como sucede muitas vezes neste mundo um culpado precisava de ser encontrado, mesmo que fosse um inocente. Há que apaziguar as almas dos vivos e vingar os mortos. Sangue com sangue se paga, e assim morri.

Acusaram-me de ter morto uma rapariga, a filha de um pobre camponês que morava à saída da aldeia. A rapariga fora encontrada morta num campo perto da minha casa. Eu morava fora da aldeia, numa casa humilde rodeada por um campo cultivado. Alguns metros a norte ficava a floresta, quase inviolada pelo homem, e que muitos evitavam por terem medo dos seres maléficicos que a habitavam. A sul ficava um caminho que ligava a minha casa, o último refúgio antes da floresta, e a aldeia.

No dia do fatídico acontecimento, no mês de Janeiro do ano de 1350, fora até um terreno que o meu pai me deixara, a leste da povoação. O terreno era pequeno mas muito cobiçado pelos aldeões, pois ficava na margem do ribeiro, precisamente na zona em que a margem não era rochosa, e por isso podia cultivá-lo, sendo a terra muito fértil.

Saíra cedo, mal os primeiros raios de sol apareciam. Nunca avisava ninguém para onde ia. Morava sozinho e só falava com os aldeões ao domingo, quando ia à igreja. Nada me fazia prever que esse dia fugisse à rotina. A única coisa fora do comum nesse dia parecia-me ser o intenso nevoeiro que caíra sobre a região. Os nevoeiros matinais eram usuais naquela zona húmida, tão usuais que os velhos mal se conseguiam mexer com dores nas costas. Mas um nevoeiro tão espesso como aquele nunca vira. Parecia uma parede branca, tal era a forma com que me tapava a visão.

Mas não seria nevoeiro que me faria ficar em casa. Fiz todo o meu caminho como habitualmente, indo por um carreiro que serpenteava por entre campos, contornando a aldeia. Nos últimos tempos não costumava ver ninguém, apesar dos habitantes serem na sua maioria lavradores endividados. A nossa vida não era fácil. Os terrenos que cultivávamos pertenciam a um

senhor, D.Fernão Anes. Quase tudo o que colhíamos ia para ele, para pagar os pesados impostos que nos cobrava. Mal tínhamos que comer, e não era raro pessoas morrerem à fome. Se não morriam à fome provavelmente não escapavam à peste. Só os mais fortes e afortunados sobreviviam.

A peste negra aterrorizava a região há mais de um ano, e nessa altura metade da população da aldeia tinha já morrido devido à maldita doença. A minha velha mãe perecera no Inverno passado, quando a peste chegara em força à povoação. Muitos amigos meus morreram, para além de outras pessoas como o padre e o barbeiro. As suas peles ganhavam manchas escuras, horríveis, e depois vinha a febre. Espantávamos os ratos e púnhamos vinagre em casa, mas a maleita já andava entre nós. Os físicos vinham com as suas máscaras, mas não provocavam qualquer efeito. Nas vilas e cidades a situação não era melhor, pessoas morriam às centenas. O cheiro das carnes humanas queimadas em enormes fogueiras enchia o ar, provocando-nos náuseas. Não existe cheiro mais repugnante e marcante que esse. Entranhasse-nos no nariz e parece que não sai mais. A isto acrescia-se o desgosto de não poder enterrar dignamente os nossos entes queridos, após uma agonia terrível. A minha mãe foi parar à pequena pilha de corpos que alimentava as chamas da fogueira acesa entre a minha casa e o povoado.

Mas como disse, o meu pai deixara-me um terreno junto ao ribeiro. Esse terreno era muito invejado não só pela sua localização e fertilidade, mas também porque não pertencia a D. Fernão, era nosso. Apesar de pagar pela pequena habitação e restantes terrenos, colhia mais e pagava menos impostos, o que me permitia evitar a fome. Não fosse a minha solidão e poderia dizer que era um homem afortunado. Ia vivendo à custa das minhas plantações e tinha saúde.

Ora nesse dia cheguei como habitualmente ao meu terreno. O ribeiro estava com muito caudal nesse ano, de tal forma que temia que houvesse uma enchente que inundasse as margens. Dei uma vista de olhos ao ribeiro, vendo a velocidade da corrente. Estava a olhar para a água quando ouvi o sino da igreja bater as seis horas. O som parecia mais abafado do que o normal, mas devia ser de não haver vento nenhum. Tratei logo de pousar um pesado casaco que trazia para me proteger do frio, para então começar a trabalhar.

Pela manhã continuei o meu serviço, ouvindo o sino a anunciar as horas, e por vezes os badalos das ovelhas que os pastores levavam para o pasto. Trabalhara tanto que o frio dera lugar a um calor suado. Eram já nove horas e parei para comer uma pequena merenda de pão que levava. Sentei-me junto a um carvalho que o meu pai plantara quando era pequeno, juntamente com o meu avô. Comia sempre encostado a esse carvalho, dava-me uma sensação de segurança. Acabava de comer o meu último pedaço de pão quando ouvi uma enorme algazarra. Vozes exaltadas pareciam vir na minha direcção.

Levantei-me e ao subir uma pequena elevação que dava para o caminho deparei-me com uma pequena multidão de aldeões. Eram na sua maioria homens, mas vinham também algumas mulheres. Os homens empunhavam quase todos forquilhas e foices; as mulheres choravam e gritavam algo que não percebia. O primeiro a falar foi o velho Álvaro, um lavrador avarento e amargo.

- Seu malvado e velhaco. Vais pagar pelo que fizeste!

- O quê? Que se passa aqui? O que quereis vós?

- Não te escapas com essa conversa de inocente. Vamos fazer justiça e é já!

- Mas de que estais a falar?

- Mataste a pobre Teresa, a filha do Pêro.

- O quê? Mas eu mal conheço a rapariga! Estou a aqui a trabalhar desde a madrugada, não sei de nada.

- Desapareceu hoje de manhã de casa, e fomos encontrá-la morta perto da tua casa, no caminho que vai para o bosque.

- Mas eu não lhe fiz nada! Se eu a tivesse morto achais que a deixaria perto de minha casa, para me culparem logo? Alguém me quer culpar de uma coisa que não fiz. Se calhar o assassino está no vosso meio.

- Cala-te servo do diabo. Vamos enforcar-te.

De repente vi tudo a andar à roda. O meu coração parecia explodir enquanto os outros homens me rodeavam e apontavam as suas forquilhas. Levaram-me até junto do meu carvalho. Enquanto prendiam a corda a um ramo da árvore, o padre aproximou-se e perguntou-me se me arrependia do meu pecado.

- Não me arrependo de algo que não fiz. Ides matar um inocente. Como podeis saber que fui eu? Até vós padre, compactuais com tal vilania.

A multidão aproximava-se para me ver contorcer até à morte. Nada satisfaz mais uma multidão do que uma execução, de preferência com sofrimento para o executado. As mulheres e até algumas crianças aproximavam-se para poderem ver melhor. O padre começara a dizer a sua ladainha. Tinha já a corda ao pescoço.

- Cometeis uma grave injustiça. Matais um inocente e deixais um criminoso à solta. Triste justiça a vossa. Que Deus vos perdoe.

Puxaram a corda com muita força. Perdi o apoio no chão e fui sendo elevado através da força de três homens que puxavam a corda. A corda apertava-me tanto que não conseguia respirar. A dor era tanta. O meu pescoço parecia estar a ser esmagado, o ar não chegava aos meus pulmões. Inevitavelmente comecei a estrebuchar, tentando libertar-me da corda que estava já presa. Que morte aflitiva! Sentimos que o ar não chega, que o nosso corpo vai parando aos poucos, até parar por completo. Curioso como um conjunto de fios entrançados pode tirar a vida a um homem. Já só desejava morrer e acabar com aquele sofrimento. Os minutos pareciam horas. Podia ver as pessoas a olharem para mim. Algumas crianças viravam o olhar. Os outros pareciam de pedra, sem expressão. A minha visão foi ficando embaciada, a minha força foi-se diluindo. E de repente tudo ficou escuro.

Acordei. Abri os olhos. Ao princípio não me lembrava do que tinha acontecido. Não sabia se fora um sonho ou a realidade. Mas não tardei a perceber que fora mesmo enforcado. Via-me dependurado, olhava para baixo e via o meu corpo balouçando ao sabor da brisa que vinha do ribeiro. Para espanto meu não sentia qualquer dor. Aliás, não sentia o corpo. Estava plenamente consciente, era como se a minha alma estivesse presa ao meu corpo morto.

Fiquei deveras intrigado, pois nesta altura esperava estar no Céu ou no Inferno, ou simplesmente não estar em lado nenhum. Estava morto, disso estava certo. Até então a minha experiência de morte revelara-se um simples sono sem sonhos ou pesadelos. Agora acordara e estava no meu corpo. Comecei a ficar preocupado. Afinal tinha direito a descansar em paz. Estaria ali preso por alguma razão especial?

Para além de manter a minha consciência conseguia ver e ouvir perfeitamente tudo à minha volta. O sol estava perto de se pôr. Ouvia o ribeiro, os pássaros que regressavam ao ninho, o sino da igreja. Uma brisa levantara-se, as folhas mexiam muito, bem como o meu cadáver. Mas não sentia nem frio nem calor. O vento trouxe-me então vozes vindas do caminho. Reconheci-as imediatamente, eram as familiares vozes de homens da aldeia, de todos os chefes de família. Estranhamente riam-se todos, as suas risadas ecoavam pelo campo.

Pouco depois apareceram todos à minha frente. Riam-se e falavam alto. Um deles, o Diogo, pegou em pedras e começou a atirá-las ao meu cadáver. Se pudesse teria gritado para parar, mas a fala não era uma das capacidades da minha vida pós-morte. Por fim, um dos mais velhos mandou-o estar quieto. Podia ver que todos os homens adultos da aldeia estavam lá, com excepção do padre e do Pêro, o pai da vítima.

- Silêncio, por favor. – Quem falava era o velhaco Álvaro. – Bem, como ninguém virá reclamar o terreno deste infeliz, vamos dar início às nossas partilhas. Bom rapaz, este Mendo, muito simpático mesmo depois de morto.

Riram-se todos. Os malditos começaram a fazer as partilhas ali, mesmo em frente ao meu corpo enforcado. Nem depois de morto mostravam algum respeito por mim. Tinham-me assassinado e ficavam com as minhas coisas. Eu fora morto com dois propósitos: para servir de bode expiatório do assassinato da rapariga, e para ficarem com o meu terreno, que sempre fora cobiçado por aqueles invejosos. Para tornar a situação mais abominável, o verdadeiro culpado deveria estar entre eles, e com certeza sabiam-no. No entanto preferiram-me culpar e condenar, sem provas, sem investigar, e sem ter direito a defesa. A lei não chegava ali. El-rei era um bobo e os senhores feudais apenas faziam justiça quando lhes interessava.

- Pronto, penso que todos ficamos satisfeitos. A partir de amanhã cada um trabalha o seu quinhão. – Álvaro parecia ser o líder daqueles bandidos. – De manhã vamos ao funeral da miúda e depois temos isto por nossa conta.

- Não vamos tirar dali o cadáver? Mete-me impressão ele continuar ali dependurado, parece que está a ouvir.

- Ora Múnio, o morto não faz mal a ninguém. Vamos deixá-lo ali para ir entretendo os corvos.

- Tens razão.

Após uma sucessão de palmadas amigáveis nas costas, despediram-se todos como se fossem velhos amigos. Os hipócritas não se podiam ver uns aos outros mas agora juntavam-se para se deliciarem com o banquete. Nem as terras deles cultivavam, mas logo trataram de ficar com a minha. Sentia cada vez mais que a minha alma estava ali presa por algum motivo especial. Ou muito me enganava ou iria assistir a algo inesperado.

A noite instalava-se a passos largos, pondo um fim ao fraco sol de Inverno. O meu corpo morto permanecia tristemente dependurado no carvalho, como se fosse uma extensão deste velho amigo. A tristeza tomava o lugar da raiva no meu espírito, vindo instalar-se lentamente, dando azo a uma ansiedade imóvel. Da letárgica tristeza fui acordado quando vi uma sombra que se aproximava. Inicialmente não conseguia perceber de quem se tratava, nem sequer se era mulher ou homem. À medida que o vulto foi avançando tomei consciência de que se tratava de uma mulher jovem, uma vez que as suas formas não davam lugar a engano. Quando a rapariga parou junto de mim reconheci-a de imediato. Era a Beatriz, a minha única amiga.

- Meus Deus Mendo, como puderam eles fazer-te isto? Se eu não tivesse ido à vila, se tivesse ficado aqui... Eu tenho a certeza que não mataste a rapariga e só espero que o verdadeiro culpado seja apanhado. Deixa-me tirar-te daí.

Tirou uma pequena faca da corda que usava como cinto e trepou a uma pedra grande que arrastara até à árvore. Começou a serrar com esforço a corda que me mantinha preso ao forte ramo do carvalho. Com um último corte a corda rompeu-se por completo e caí ao chão. Não me doeu nada. A Beatriz guardou a faca e aproximou-se do meu corpo. Pegou-me pelos ombros e encostou-me suavemente ao tronco do carvalho, e logo começou a tirar a corda que restava em volta do meu pescoço. Atirou a corda para longe e abraçou o meu corpo frio.

- Agora não posso fazer mais nada Mendo. Levar-te-ia para minha casa se para tal tivesse força. Amanhã peço à minha mãe para me ajudar. Hás-de ter um enterro decente. Desculpa, até amanhã.

A Beatriz pedia-me desculpa mas seria das poucas pessoas que não tivera qualquer culpa da minha morte. Sabia que agora iria para sua casa, onde

morava com a sua mãe. O pai fora morto por salteadores alguns anos atrás e os seus dois irmãos haviam morrido com a peste. Ela era a melhor pessoa de toda a aldeia, a mais justa e inteligente.

Estava sentado no meu sítio habitual, encostado ao carvalho e preparava-me para passar a minha primeira noite como morto. Dificilmente iria dormir, depois de morto não há grande necessidade, e de qualquer forma teria toda a eternidade para descansar. O nevoeiro desaparecera por completo ao longo do dia e a noite caíra em força, dando lugar a um mundo escuro, iluminado apenas pela lua cheia. Perdera completamente a noção das horas, não me lembrava da última vez que o sino tocara, sabia no entanto que quase todos os habitantes da aldeia deviam estar a dormir, a não ser que estivessem na tasca a festejar a minha morte.

Então, por entre a escuridão vislumbrei duas luzes fracas que se movimentavam, o que me levou a concluir que só podiam ser duas pessoas que transportavam pequenas candeias de óleo. As pequenas chamas tremeluzentes encaminhavam-se na minha direcção, até que por fim pararam a cerca de vinte metros do carvalho. A luz das candeias e da lua cheia permitiam-me ver perfeitamente quem eram os caminantes nocturnos. Diogo, o atirador de pedras, e o padre da aldeia. As suas vozes eram claras no silêncio da noite.

- Diogo, temo-nos arriscado muito. A tua mulher e os teus filhos não desconfiam de nada?

- Não, eu digo à minha mulher que vou beber um bagaço com os vizinhos, e os meus filhos estão sempre a dormir a esta hora. Tem calma.

- Mas se alguém nos vê... Não quero nem pensar no que pode acontecer.

- Ora, ninguém nos viu até hoje e não me parece que algum dia verá. Agora chega-te a mim que tenho saudades tuas, meu querido.

O que se passou a seguir far-me-ia abrir a boca se o pudesse. Os dois trocavam beijos dignos de um casal apaixonado e pela intimidade que demonstravam, pareciam fazê-lo há muito tempo. Afinal alguém gostara da morte do padre anterior.

O enlaço amoroso prolongou-se no tempo, por entre beijos e juras de amor eterno. A paixão era tal que nem sequer tinham reparado que o meu

corpo repousava agora no chão. Uma boa meia hora depois deram um último abraço e partiram pelo caminho que haviam tomado anteriormente. E assim voltei a ficar sozinho na noite, tendo por companhia o choro das corujas e ratazanas que me vinham cheirar e dar umas dentadas.

A noite deu lugar à manhã, a lua cedeu o seu lugar ao sol, as corujas recolheram-se e os melros despertaram. Eu permanecia no mesmo sítio, esperando que a Beatriz recolhesse o meu corpo, ou de preferência que a minha alma se libertasse da sua prisão corpórea. O frio da noite deixara-me coberto de geada, o que me fazia ficar ainda mais rígido. As badaladas do sino da igreja ecoavam no ar, marcando as seis horas, exactamente a hora a que tinha chegado no dia anterior. Teria passado pouco mais que um quarto de hora quando o sino tocou de novo, desta feita anunciando um funeral, que se não era o meu só podia ser da Teresa, a outra vítima desta história.

Duas horas depois o sino voltou a tocar, marcando o fim das cerimónias fúnebres. Não tardou muito para que visse os aldeões vindo na minha direcção, movidos pela sua ganância apressada. A terra ainda não assentara no cadáver da rapariga e já eles vinham a correr para o seu novo terreno.

- Tenho o carvalho na minha parcela. Amanhã deito-o abaixo. – Álvaro sempre fora uma criatura desprezível que matava tudo o que não lhe desse lucro. – Esqueci-me do cadáver, ainda ali está.

Os enforcados eram normalmente enterrados numa vala comum, num monte perto da aldeia, se bem que fosse raro haver uma execução numa povoação tão pequena. De qualquer forma era demasiado individualista para gostar da ideia de permanecer por toda a eternidade junto de pessoas de presumível fraca índole. Mas os meus pensamentos receosos foram interrompidos pelo som dos cascos de cavalos batendo violentamente no chão. D. Fernão e o seu séquito montado aproximavam-se, provavelmente dando início a mais uma caçada. No entanto pararam junto dos aldeões. D. Fernão desmontou da sela juntamente com os seus guardas.

- Disseram-me que enforcastes um homem por homicídio. É aquele ali?
– Perguntou apontando para mim.

- Sim, meu senhor, é aquele o assassino. – Álvaro respondera com o medo espelhado no olhar.

- O que fazeis uns aos outros não me interessa, mas existe um problema. Tomastes posse deste terreno, mas eu tenho direito sobre ele. O morto não me pagou as últimas taxas. Assim as contas ficam certas.

- Mas não podeis fazer isso! Não tendes esse direito. – Diogo, o pinga-amor, parecia ser o único com coragem e estupidez suficiente para responder. Mas D. Fernão não era homem que aceitasse uma afronta destas. Desembainhou a espada, e sem dizer uma única palavra, cravou-a no peito de Diogo. Este soltou um gemido de dor, e quando D. Fernão puxou a espada, caiu no chão, parando de respirar pouco depois. D. Fernão limitou-se a limpar o sangue da espada. Ninguém se mexera.

- Penso que é claro quem manda aqui. Podem cultivar o terreno, mas terão de pagar rendas.

Voltou a montar e partiu com a sua comitiva, deixando para trás poeira no ar, um morto no chão, e uma plateia estupefata. Não posso dizer que sentia pena do Diogo, afinal tinha participado no conluio para me matar e desrespeitado o meu cadáver. Aliás, na altura pensava se lhe aconteceria o mesmo que a mim, ficar com a alma presa ao corpo. Se havia espíritos à solta era uma questão a que não sabia responder, pois não vira ou ouvira nenhum. Os outros reuniram-se em torno do Diogo e pegaram no seu corpo ensanguentado, provavelmente levando-o para casa, onde a sua família receberia a notícia. Partiram todos e deixaram-me de novo só. Parecia que ninguém se importava comigo.

Devia ser perto do meio-dia, pois o sol ia alto, quando vi a Beatriz e a sua mãe. Alegrei-me ao ver que não se esqueceram de mim.

- Vamos mãe, ajude-me a pegar nele. – O meu corpo estava menos rígido, já que o sol, embora fraco, tinha derretido a geada que se formara. Com dificuldade pegaram-me pelos braços e arrastaram-me até ao caminho, onde me puseram em cima do seu burro. Fiquei deitado de barriga para baixo no dorso do animal, e a única coisa que vi durante toda a viagem foi o pêlo cinzento deste.

Após uma curta viagem parámos junto à casa da Beatriz. Ela e a sua mãe tiraram-me de cima do burro e encostaram-me à parede da casa. A velha senhora foi levar o burro até à estrebaria e a Beatriz entrou em casa, deixando a porta de madeira aberta. A casa ficava quase no centro da aldeia, numa viela

junto à igreja, o que me permitia ter uma vista alargada da povoação. Da igreja saíam os pais e irmãos da Teresa, visivelmente combalidos. Por sorte não me viram, se não teriam provavelmente profanado o meu corpo.

De repente ouvi um homem a chorar e berrar. Era o padre que corria e chorava como uma criança no largo em frente da igreja. Álvaro estava por perto, com uma expressão de espanto por tamanha reacção. Quanto a mim não me surpreendida, depois de ter assistido a uma cena amorosa na noite anterior.

- Não aguento mais viver aqui! Sois todos uns selvagens! Ontem compactuei com a morte de um inocente, que Deus me perdoe, e agora mataram o meu amor.

Esta declaração apaixonada teria sido assombrosa não fosse o padre ter dito alto e a bom som que eu era inocente, o que pressupunha que sabia quem era o culpado. Álvaro empalidecera subitamente. Quem também não ficara indiferente fora Pêro, que ainda ali estava com a família, ou o que restava dela.

- O que dissestes? Não foi o Mendo quem matou a minha filha? Quem foi então? – Pêro agarrava o padre pelo colarinho. – Dizei-me!

- Foi o Álvaro! Ele andava atrás da sua filha e como ela o rejeitava ele descontrolou-se e matou-a. Todos os homens da aldeia o sabem. Decidiram culpar o Mendo para poderem ficar com as suas terras, mas nem isso conseguiram. Eu fechei os olhos porque o Diogo me pedira, e não lhe consegui dizer que não.

- Malditos! Malditos! Posso ir para o inferno, mas levo-vos comigo. – Pêro largou o padre e correu até ao Álvaro, que ficara petrificado perante a revelação. Agarrou-se ao seu pescoço com uma força implacável e apertou-o durante minutos até Álvaro deixar de se mexer. A sua família assistira a tudo imóvel; o padre chorava no chão e eu via tudo encostado à parede de pedra. Pêro largou o corpo do assassino da sua filha e foi de encontro à sua família. Beatriz aparecera à porta e olhava aterrorizada.

- Que o Mendo me perdoe por o julgar culpado. Foi tão assassinado quanto a minha filha. Aos outros desejo a morte por tudo que fizeram. Amaldiçoo esta aldeia da qual partirei e a que nunca mais regressarei.

Partia para sempre com a família. O padre levantou-se e dirigiu-se até à casa da Beatriz. Ao ver o meu corpo desviou o olhar, envergonhado com o que fizera.

- Menina Beatriz, depois disto não posso continuar a ser padre, e muito menos permanecer aqui. Parto agora para viver uma vida de exclusão num qualquer sítio em que não façam perguntas sobre o passado. Adeus e que Deus a proteja.

Beatriz e a mãe enterraram-me junto à sua casa, o que se revelou um enorme aborrecimento, pois via tudo escuro, e os meus momentos de distração resumiam-se às ocasiões em que a Beatriz vinha falar comigo. Contava o que fizera nesse dia, e o que se passava na aldeia. Desta forma ficara a saber que população se juntara no largo para se dar conta das mortes e partidas. O caos parecia instalado. Resolveram enterrar logo os mortos, uma vez que já não havia padre para celebrar a missa de funeral.

Algumas semanas depois a Beatriz contou-me, muito preocupada, que a peste voltara à aldeia e que todos os homens da aldeia estavam doentes. Só as mulheres saíam para trabalhar, ajudadas pelas poucas crianças que moravam na aldeia. A aldeia estava a morrer. Passaram-se alguns dias sem que Beatriz viesse falar comigo. Quando voltou era para se despedir. Ia partir com a mãe, para longe da aldeia e da peste. Aquela terra estava amaldiçoada, todos os homens tinham morrido com a peste e as mulheres e crianças pensavam também partir.

E um dia partiram todos. Fiquei sozinho, sem ninguém que falasse comigo. Foi nessa altura que aconteceu. A minha alma libertou-se do corpo em decomposição, ficando livre. Resolvi partir e conhecer o mundo enquanto espírito, não sem antes ter visitado o meu carvalho. E junto ao meu carvalho pude contemplar o episódio que encerra a história da minha aldeia amaldiçoada.

D. Fernão andava na caça, com mais dois amigos. Resolveram parar para descansar e beber água fresca do ribeiro. D. Fernão desmontou do cavalo, mas mal o fez viu-se cravado de flechas lançadas pelos amigos traidores. Um bom final para um homem como ele, acabar deitado na terra, rodeado de amigos que festejavam o dinheiro que ganhariam ao partilhar as

suas terras. Mas quem sabe o que lhes sucedeu... A terra agora somente habitada pelo carvalho gosta de justiça.